



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 6, Nº 2, 2021, P. 443-457
ISSN: 2448-2390

A literatura como marca da expressão filosófica brasileira: o caso de Machado de Assis¹.

Literature as an Aspect of Brazilian Philosophical Expression: The Case of Machado de Assis.

DOI: 10.20873/rpv6n2-22

Daniel Benevides Soares

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7275-9217>
Email: benevides.soares@gmail.com

Resumo

Nosso propósito é utilizar a figura do literato-filósofo cunhada por Margutti para a compreensão do específico da filosofia brasileira, cujo caso-exemplo tomado por nós no presente artigo é Machado de Assis. Para tanto, o trabalho será dividido em três momentos. No primeiro faremos a apresentação de outras formas de expressão filosófica que não a forma tradicional de sistema, estabelecendo assim uma primeira relação entre filosofia e literatura. O segundo consiste na caracterização geral da filosofia brasileira tendo por premissa a apresentação contida no momento inicial. Destacamos três elementos que serão apresentados para caracterizar a filosofia brasileira: o procedimento do caminho inverso, a dependência das características culturais dos povos ibéricos e o uso do paralelo. A partir desses elementos será possível introduzir na discussão a figura do literato-filósofo. Finalizamos então com a discussão se existe ou não uma filosofia em Machado de Assis, consoante com o exposto nas etapas anteriores. Para tanto, sintetizamos duas leituras de Machado como um autor em que não há uma densidade propriamente filosófica, a de Benedito Nunes e a de Miguel Reale, para em seguida contrapormos duas leituras opostas, em que o veio filosófico do Bruxo do Cosme Velho corre mais vigoroso: as de Maia Neto e Margutti.

Palavras-chave

Literato-filósofo; Machado de Assis; matriz Colonial.

Abstract

Our purpose is to use the figure of the literate-philosopher proposed by Margutti to understand the specifics of Brazilian philosophy, whose case-example taken by us in this paper is Machado de Assis. Therefore, the work will be divided into three sections. In the first, we will present other forms of philosophical expression

¹ Agradeço ao professor Paulo Margutti pela gentil leitura e apontamentos feitos tanto à palestra que deu início a esse artigo quanto ao seu texto final.

than the traditional form of system, thus establishing a first relationship between philosophy and literature. The second consists of a general characterization of Brazilian philosophy based on the presentation contained in the initial moment. We highlight three elements that will be presented to characterize Brazilian philosophy: the reverse path procedure, the dependence on the cultural characteristics of the Iberian peoples, and the use of parallels. From these elements it will be possible to introduce into the discussion the figure of the literate-philosopher. We end then with the discussion of whether or not there is a philosophy in Machado de Assis, in accordance with what was exposed in the previous stages. Therefore, we synthesize two readings of Machado as an author in which there is not a properly philosophical density, that of Benedito Nunes and Miguel Reale, and then we contrast two opposite readings, in which Machado de Assis' philosophy is considered evident: those of Maia Neto and Margutti.

Keywords

Philosopher-literate; Machado de Assis; Colonial matrix.

Introdução

O uso da expressão *filosofia brasileira*, não raramente evoca a ideia de que essa filosofia nacional produz, quando muito, comentadores de filosofia, pois não há vocação filosófica no Brasil. Cerramos fileira com aqueles que toam essa afirmação como uma falácia, parcialmente dada, pela situação de *invisibilidade* da nossa filosofia. Essa situação de invisibilidade vem mudando ultimamente devido aos esforços de pesquisadores como Paulo Margutti, José Raimundo Maia Neto, Júlio Canhada, Ricardo Timm de Souza e Lúcio Marques.

Segundo Canhada, há em alguns estudos que se propõem a fazer um estudo sobre a filosofia brasileira um juízo de precariedade sobre a temática, bem como uma assertiva de quase inexistência². Desde a publicação de *A filosofia no Brasil* por Sílvio Romero em 1878, outros que o seguiram apresentaram certos elementos comuns a essa obra, não muito diferentes na maneira de encarar a situação da filosofia brasileira (2020, p. 398 – 399). Isso se dá como uma desqualificação do próprio objeto de estudo, considerando a tarefa de narrar o desenvolvimento da história da filosofia do Brasil como algo menor, de nível inferior, rebaixando a um lugar menor os autores nacionais que seriam indignos de ocupar o posto de filósofos. Canhada

² Uma apresentação detalhada da filosofia brasileira como não filosofia encontra-se em COSTESKI, 2021, p. 149 – 154.

menciona uma ressalva que aparece como uma constatação de uma moldura gloriosa – a filosofia – que recebe personagens indignos – os filósofos brasileiros. Temos então um pedido de desculpas por inserir esses personagens nos quadros da filosofia (2020, p. 38 – 39). [Feito]

Esses estudos de história da filosofia realizaram aquilo que Canhada entende como um sequestro epistemológico, pois fora retirada dos pensadores brasileiros a possibilidade de oferecer critérios específicos de compreensão para as suas iniciativas filosóficas, o que caracteriza uma insuficiência *fundamental*, ou seja, uma tentativa de apagar os nomes dos filósofos brasileiros no mesmo ato que os pronunciava (2020, p. 61).

Podemos então considerar adequada, diante do exposto, uma forma de tratar e compreender a filosofia brasileira que ignore os seus elementos e traços constitutivos específicos? Sugerimos, portanto, que compreender adequadamente a filosofia brasileira, sem rebaixá-la, passa por não ignorar os seus constituintes específicos.

I. Filosofia & literatura

Eric Weil, na sua *Lógica da filosofia* apresenta o discurso filosófico segundo 16 atitudes-categorias concretas e duas formais. A atitude no léxico weiliano representa uma forma de viver no mundo. Quando o essencial dessa *atitude* é apreendido e expresso em um discurso coerente, tem-se uma *categoria*. Essa expressão se dá no que se chama de um sistema, “que não é necessariamente um sistema filosófico no sentido ocidental da palavra e não o será nem mesmo habitualmente” (WEIL, 2012, p. 114). Weil está preocupado principalmente com o discurso filosófico como resposta ao problema da violência, tendo sempre em vista que a violência é a opção que o ser humano realiza primeiro e que por isso a filosofia tem como sua fonte a violência, já que a filosofia só pode ser assumida livremente após a violência. Embora a preocupação do autor seja o discurso filosófico como expressão de visão de mundo, ainda assim, é possível apropriar-se da definição weiliana para tratar do assunto que agora nos interessa, tendo em vista também que a ultrapassagem de uma categoria filosófica por uma atitude nascente antecede a

formação de um novo discurso filosófico pela atitude que ultrapassa a categoria (KIRSCHER, 1989, p. 304).

Desse modo, em complemento à acepção weiliana, importa salientar que a maioria das obras filosóficas clássicas não segue um esquema sistemático-acadêmico, como exemplificam Parmênides, Platão, Agostinho e Montaigne (MARGUTTI, 2013, p. 33). Mesmo o elemento literário – tal como o diálogo e o aforismo – encontra-se presente nas obras de autores a exemplo de Pascal, Nietzsche e Wittgenstein (MARGUTTI, 2013, p. 118). Montaigne chegou mesmo a inaugurar o gênero do ensaio em filosofia (DOMINGUES, 2017, p. 2). Além desses exemplos, podemos evocar ainda aquele dado por Pirro de Élis³. O pirronismo clássico é descrito como uma habilidade ou atitude mental (POPKIN, 2000, p. 16): “Ao considerar o pirronismo uma ‘habilidade’, Sexto observa que não se trata de um sistema filosófico no sentido de um corpo articulado de doutrinas. [...] O que possui é uma habilidade para examinar qualquer doutrina adotada por pensadores dogmáticos (definidos por Sexto como aqueles que adotam doutrinas sobre a natureza das coisas) de forma a verificar sua validade” (MAIA NETO, 2007A, p.15). O próprio Timão, discípulo de Pirro, utilizou-se da sátira para atacar os filósofos dogmáticos expondo por esse meio sua argumentação cética (DIÔGENES LAËRTIOS, 2008, p. 280).

São, portanto, numerosos os exemplos de expressões filosóficas que fogem ao molde do que se concebe tradicionalmente como sistema: o *diálogo* (Platão; Galileu, *Diálogo sobre os dois principais sistemas de mundo*; Hobbes, *Diálogo entre um filósofo e um jurista*; Joly, *Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, Nuno Marques Pereira, *Peregrino da América*) o *aforismo*, a *máxima* e o *fragmento* (Schopenhauer, *Parerga e paralipomena*; La Rochefoucauld, *Reflexões ou sentenças e máximas morais*; Vauvenargues, *Reflexões e máximas*, Matias Aires, *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Marquês de Maricá, *Máximas, pensamentos e reflexões*), a *carta* (Pascal, *Carta a Le Pailleur*; Epicuro, *Carta a Meneceu*), o *relato de ficção* (Bacon, *A Nova Atlântida*; Morus, *A Utopia*; Campanella, *A Cidade do Sol*). A forma propriamente artística também

³ “O próprio Pírron, na verdade, nada deixou escrito, porém seus discípulos e companheiros de investigação – Tímon, Ainesídemos, Nausifanes e ainda outros -, deixaram” (DIÔGENES LAËRTIOS, 2008, 278)

oferece veio para a expressão filosófica, como a *poesia* (Parmênides, *O Poema*), o *romance* (Camus, *A peste, O estrangeiro*) o *teatro* (Camus, *Os justos*), o *conto* (Sartre, *O muro*)⁴.

Diante dessa relação de mútua e contínua frequentação entre a filosofia e a expressão não sistemática literária, seria realmente inadequado considerar esse aspecto quando se tenta compreender a filosofia brasileira? Em *O Brasil filosófico*, Ricardo Timm salienta que nem sempre na sua referida obra o termo *filosofia* é tomado nas acepções presentes nos manuais e utilizada pela tradição, mas no sentido de formas de abordagens do conjunto de problemas históricos e sociais determinantes para a existência de pessoas e comunidades de acordo com a variedade cultural brasileira e que, por isso, pouca semelhança guardam com os termos ortodoxamente presentes nos manuais; segundo o autor, essa escolha não é uma arbitrariedade interpretativa, mas uma exigência – que, mais do que a forma, privilegia o conteúdo – relacionada com a maneira como a cultura nacional se desenvolve (SOUZA, 2003, p. 22 – 23). Vemos aqui uma concórdia com a posição de Canhada.

Desse modo, para compreender a matriz cultural fundamental da filosofia brasileira, é preciso recorrer a uma forma de abordagem que, mais do que a forma, privilegia o conteúdo. Eis porque é importante investigar a figura do literato-filósofo na sua relação com a matriz filosófica própria do Brasil. Passemos a essa discussão.

II. Alguns aspectos da matriz filosófica brasileira

A produção filosófica brasileira tem um modo próprio de se dar, segundo o desenvolvimento da própria cultura nacional. Salientamos três aspectos à título de apresentação: o procedimento do caminho inverso, a dependência das características culturais ibéricas e o paralelo como forma de trabalhar suas questões. Importa observar, antes de apresentarmos brevemente esses traços, que a filosofia acadêmica geralmente se apresenta em forma universal, de modo que nela é raro o procedimento do caminho inverso. Esse procedimento é mais próprio da literatura e se aplica muito bem ao caso dos literatos filósofos. Mas isso não constitui marca apenas

⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema conferir MARGUTTI, 2015, p. 114 – 115.

da realidade brasileira. Por exemplo, a obra *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievski, expressa intuições filosóficas⁵ e nela é possível aplicar o procedimento do caminho inverso. O caso do Brasil é particular porque, no Período Colonial, predominou a literatura filosófica sobre os trabalhos acadêmicos⁶.

No que consiste, então, o *procedimento do caminho inverso*? Trata-se de uma oposição à visão tradicional da filosofia, segundo a qual a tratativa de um problema universal proporciona a saída para um problema particular. Já no procedimento do caminho inverso tem-se que da imersão em um problema particular, concreto, contingente, resulta a emersão em um problema universal, cuja solução também pode aparecer daí. Exemplo desse procedimento pode ser encontrado quando se toma dois romances de Machado de Assis, considerando-se que “o confronto interno entre a ideologia liberal europeia e a precária realidade brasileira, exposto em *Memórias Póstumas*, encontra seu correspondente no confronto interno entre os valores da Corte e os valores provincianos de Rubião, exposto em *Quincas Borba*” (MARGUTTI, 2007A, p. 192).

Passemos agora à apresentação do segundo traço, a *dependência das características culturais dos povos ibéricos*. Podemos considerar duas formas de modernidade, *setentrional* (inglesa, francesa, italiana, alemã) e *ibérica* (espanhola e portuguesa) cujo elemento diferencial é a ocupação moura por 800 anos (MARGUTTI, 2010, p. 104). Essa ocupação, ainda de acordo com Margutti, desenvolveu nos ibéricos em geral – e nos lusitanos em particular – certos mecanismos de conciliação cujo objetivo era preservar, não sem fazer concessões, a identidade cultural. “E tais mecanismos permitiram o aparecimento de um fenômeno tipicamente ibérico,

⁵ A forma artística era uma necessidade para a veiculação do tipo de concepção filosófica do escritor: “Para dar ao leitor o sentido da precipitação galopante dos acontecimentos, Dostoiévski põe, frequentemente, o dedo sobre o relógio; resulta daí a sensação de cada meia hora, melhor, cada minuto tem uma enorme importância. Não por nada, ao escrever seus romances, Dostoiévski tinha sob os olhos um horário e um esquema dos movimentos das suas personagens, a tal ponto ele era consciente da importância do tempo e do espaço para sua arte. Precisamente por isso, nele, espaço e tempo são bem diversos dos reais e físicos, são espaços e tempos espirituais: lugares de dor e tragédia, minutos decisivos para todo um destino. O meio artístico para exprimir e representar essa concepção filosófica é uma intensificação intencional do espaço e do tempo: o espaço apinhado e o tempo acelerado” (PAREYSON, 2012, p. 31).

⁶ Convém lembrar que os trabalhos do Lúcio Marques estão modificando essa perspectiva. Conferir a esse respeito, por exemplo, MARQUES, 2021, p. 138.

que só pode ser descrito através de um oxímoro: a modernização conservadora” (MARGUTTI, 2010, p. 105 – 106). Conhecido como o processo de ‘colocar vinho velho em garrafa nova”, essa postura decorrente dos oito séculos de adaptação cultural exigida desembocou em maior valorização da ação e desconfiança das elucubrações teóricas, bem como em uma tendência para o ecletismo enquanto postura filosófica, ou seja, a reunião de elementos variados – mesmo conflitantes – na composição do pensamento; trata-se aqui de um mecanismo de conciliação conceitual. Aliado a esses traços, tem-se também o chamado *salvacionismo* decorrente da forte influência católica portuguesa, o que favorece uma maior valorização daquilo que vem do coração do que daquilo que acede pela razão. É esse o sentido de *cordialidade* empregado por Margutti⁷: móvel no coração, no sentido de ser mais intuitivo do que sistemático (2010, p. 106 - 108).

Desse modo, os traços do ecletismo e da cordialidade constituem os elementos de uma *matriz eclética* de caráter *cético, estoico e salvacionista*; essa é a matriz colonial de pensamento da filosofia brasileira, que mistura ceticismo, estoicismo e salvacionismo e tem caráter pragmático, constituindo os traços do espírito filosófico português reinantes na época das grandes navegações e que marcaram as visões de mundo das colônias (MARGUTTI, 2010, p. 109). Esses elementos que constituem a matriz filosófica Colonial encontram raízes na visão de mundo do catolicismo barroco ibérico, dotada de um pessimismo cético, de modo que o mundo é avaliado como fonte de males e tentações (MARGUTTI, 2010, p. 107).

Esse pessimismo moral que desemboca no ceticismo e que, para abreviar, denominarei *pessimismo cético*, é compatível com uma postura estoica diante do mundo e com o salvacionismo da religião católica. No Brasil Colônia, essa matriz de apresenta partilhada por diversos autores, como Nuno Marques Pereira, Gregório de Matos, Antônio Vieira e Matias Aires (MARGUTTI, 2007A, p. 184 - 185).

Aqui o interesse maior é sentir e intuir as coisas ao invés da vocação sistemática e elucubrações teóricas. Disso resulta a presença filosófica expressando-se de forma literária (MARGUTTI, 2013, p. 40). Nesse sentido, uma figura representativa será Sócrates. Isso porque o paradigma grego clássico de filosofia apresenta três modelos: Aristóteles (eminentemente

⁷ Trata-se de um sentido diverso daquele empregado por Sérgio Buarque de Holanda. Conferir a esse respeito MARGUTTI, 2010, p. 107 - 108.

sistemático; mais próximo do padrão acadêmico), Platão (eminentemente *intuitivo*; expressão artística da filosofia pelo diálogo) e Sócrates (totalmente *intuitivo*; nada escreveu, filosofia era ação). O último representa uma influência para o pensamento lusitano dado conforme alguns traços. Há um elemento de ceticismo na doura ignorância, na ironia e na valorização da ação socráticas (MARGUTTI, 2010, p. 107 - 108). Assim sendo, esses dois elementos constituem uma reação menos afeita à sistematização teórica que se expressam a maneira intuitiva de fazer filosofia dos literatos-filósofos.

Finalmente, para concluir essa seção, vamos apresentar brevemente uma forma metodológica de trabalhar os literatos-filósofos. Trata-se do recurso ao *paralelo*. É possível cotejar um literato-filósofo com algum tema já desenvolvido em um autor da tradição, de modo a fazer sobressair não apenas identidades, mas, sobretudo, as diferenças e as soluções originais encontradas no literato-filósofo.

Como exemplo podemos mencionar a dialética da linguagem e do silêncio: o que é realmente importante não pode ser dito, apenas sugerido. Esse tema pode ser trabalhado a partir de um paralelo entre o *Tractatus* de Wittgenstein e *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector⁸. Um exemplo importante do recurso ao paralelo com Machado de Assis é o trabalho de Margutti cotejando o Bruxo do Cosme Velho e Richard Rorty a respeito do tema da ironia presente em *Richard Rorty and Machado de Assis: Two Different Ways of Coping With Ironism* (2007B, p. 115 - 140).

⁸ Outro exemplo do paralelo enfocando Clarice Lispector está em Kierkegaard. A esse respeito, podemos mencionar o livro de Marília Murta de Almeida *Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus: O temporal e o eterno em Clarice Lispector em diálogo com alguns conceitos de Kierkegaard* e o artigo de Maria Lúcia do Nascimento sobre essa obra: *Deus e tempo: a propósito de um livro sobre Clarice e Kierkegaard*. Também podemos mencionar como exemplo do paralelo o artigo de Alex Lara Martins *Sócrates sofista, Brás Cubas filósofo?* Finalmente, é fundamental também para o método do paralelo o trabalho de Margutti *Reflexões sobre a vaidade dos homens: Hume e Matias Aires*.

III. Machado de Assis & a filosofia

O paralelo é uma das maneiras possíveis de investigar a relação entre Machado de Assis e a filosofia. Entretanto, a chave de compreensão do literato-filósofo não é a única possível quando se considera a relação entre o Bruxo do Cosme Velho e a filosofia. Há também a perspectiva que entre ambos existe uma *não-relação*. Dito de outra maneira, Machado de Assis é autor em torno do qual existe uma discussão que pode ser grosseiramente resumida nas seguintes posturas: há um tratamento de questões filosóficas na obra machadiana, não uma filosofia, ou seja, advoga-se em favor apenas de uma legítima filosofia *em* Machado de Assis; é possível defender a existência de uma filosofia, se não do próprio Joaquim Maria, da sua ficção: trata-se, portanto de uma filosofia *de* Machado de Assis. Passemos agora a uma breve discussão dessas duas posturas.

Filosofia em Machado de Assis. O conjunto dessas interpretações da obra machadiana também pode ser denominado como posição da não-relação. Defende-se com ela uma relação entre Machado e a filosofia, mas essa relação *não é* de proximidade e nem de profundidade. Circunscrever os elementos filosóficos presentes na obra machadiana aos personagens não podendo atribuí-los ao próprio Machado de Assis é o que caracteriza o autor como alguém que apenas se serve da filosofia como instrumento para a sua literatura, que ocuparia o primeiro plano de interesse. Os aspectos filosóficos que Nunes pinça da obra machadiana – pirronismo, niilismo, pessimismo - estabeleceriam apenas uma relação lúdica com a filosofia (NUNES, 1989, p. 7 - 10). Essa relação seria fortemente marcada pela sátira menipeia⁹, sendo o humor o aspecto basilar daquilo que o autor denomina pensamento ficcional do narrador (NUNES, 1989, p. 14). Consoante com essa leitura da não-relação reconhece-se três acepções de filosofia no *corpus* machadiano – ironia, compreensão e metafísica –, de modo que para ele é possível falar

⁹ Ramo satírico nascido dos cínicos que, pelo uso do diálogo ou diabrite, depreciava o chamado *philosohus gloriosus*, que inclui tanto os pré-socráticos como o próprio Sócrates (NUNES, 1989, p. 13). A criação dessa forma de sátira é atribuída a Menipo, um sírio nascido na cidade de Gadara que fora escravo, mas teria vivido posteriormente como cidadão livre em Tebas. Nada dos seus escritos nos chegou, além de alguns dos seus títulos (SÁ REGO, 1989, p 31). Para uma apresentação da sátira menipeia até Luciano de Samosata conferir SÁ REGO, 1989, p. 32 – 69.

mais de uma densidade filosófica presente na obra do Bruxo do Cosme Velho do que propriamente de uma filosofia machadiana (REALE, 1973, p. 4 – 6).

Filosofia de Machado de Assis. Entendemos esse conjunto de interpretações da obra machadiana como de *relação*; situa-se o Bruxo do Cosme Velho em uma proximidade em relação à filosofia, relação essa que também é rica e profunda. Essa é a postura presente na leitura de Paulo Margutti, com a qual dialogamos acima, por meio da apresentação do conceito margutti-ano de literato-filósofo. O literato-filósofo é precisamente um componente característico da filosofia brasileira (2013, p. 40). Essa postura, a da *relação*, também se encontra na leitura de Maia Neto¹⁰. Contudo, a leitura de Maia Neto é a de que há na ficção de Machado a procura por um narrador cético que pode ser entendido como um cético do tipo da tradição moderna influenciada pelo pirronismo (2016, p. 277). Segundo o autor, a rica tradição pirrônica da modernidade guarda afinidades com a antiga, sem, contudo, identificar-se estritamente com ela (MAIA NETO, 2007B, p. 212). Maia Neto também não desconsidera a importância da influência do ceticismo acadêmico sobre a forma de ceticismo vista em Machado (MAIA NETO, 2007B, p. 222). É importante contrapor pelo menos um aspecto da interpretação de Maia Neto à de Benedito Nunes, pois se este considera que circunscrever à ficção os elementos filosóficos é um dos argumentos para advogar em favor de uma não filosofia machadiana, para Maia Neto a perspectiva cética machadiana é dependente da forma literária; não ser atribuída ao próprio Machado sequer a enfraquece, pois essa filosofia é na verdade indistinguível da forma literária que lhe serve de forma de apresentação, ou seja, não é possível que essa filosofia cética pudesse se dar a não ser em formas literárias, como o romance e o conto (MAIA NETO, 2016, p. 278 – 279).

Para Margutti, as categorias pirrônicas podem ser colocadas em xeque quanto à sua adequação para a compreensão do ceticismo machadiano, este – o ceticismo machadiano – estando inserido na tradição cultural brasileira que mescla uma forma de pessimismo cético; o ceticismo, portanto, não é negado, mas visto como um dos elementos da *matriz eclética* que caracteriza a filosofia brasileira (MARGUTTI, 2007A, p. 184 – 185). “Essa visão pessimista que leva

¹⁰ Para uma apresentação completa da interpretação de Maia Neto, conferir *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, 2007A.

ao ceticismo já se encontrava presente na cultura brasileira desde o Período Colonial, como se pode ver na comparação com a matriz cético-estoico-salvacionista” (MARGUTTI, 2007A, p. 204). Dessa forma, Margutti considera que a afinidade de Machado de Assis com o ceticismo não se daria pela influência da tradição moderna, de modo que o tipo de ceticismo que apresenta – pessimista – seria menos pirrônico, renascentista ou moderno na acepção setentrional do que uma forma de pessimismo cético calcado na influência da visão de mundo de uma tradição que remonta ao cético ibérico Francisco Sanches, o que explicaria as proximidades machadianas com autores como Montaigne e Pascal (MARGUTTI, 2007A, p. 208).

É possível falar em Sanches da presença de aspectos pragmáticos, ecléticos e salvacionistas¹¹, características essas constitutivas do temperamento filosófico lusitano e que se relacionam como a maneira alternativa dos portugueses de se portarem frente à filosofia. Tais elementos estão presentes também, guardadas as devidas proporções, no pensamento de um importante pensador escolástico jesuíta português, Pedro da Fonseca. Esses dois pensadores constituem paradigmas de filosofia compartilhados por autores brasileiros e lusitanos: o fonsequismo e o sanchismo (MARGUTTI, 2010, p. 135 - 136). Essas definições não designam escolas filosóficas, mas sim certa tendência em se fazer filosofia de determinada maneira, cujas razões para tanto não são apenas de ordem teórica, mas também por motivos culturais. As denominações não se dão porque aqueles que lhe são afins tenham lido as obras dos respectivos autores, mas por espelhar uma visão de mundo e forma de fazer filosofia semelhante. A primeira é caracteristicamente tradicionalista, voltada para o comentário exegético de tipo escolástico-hermenêutico sem pretensão de originalidade, tendo grande influência em Portugal e não tanta no Brasil Colônia. A segunda qualifica uma tendência a expressar uma visão de mundo

¹¹ “O fato de Sanches desenvolver uma meditação laica para mostrar a incapacidade da razão, fato esse que constitui um dos elementos mais marcantes de sua originalidade como pensador pré-moderno, pode ter levado muitos de seus intérpretes vê-lo equivocadamente como não-religioso, quando, na verdade, suas intenções seriam opostas” (MARGUTTI, 2010, p. 135).

de viés cético e assistemático que teve grande acolhida no Brasil Colônia, mais do que na metrópole, entre seus adeptos destacando-se Matias Aires e Nuno Marques Pereira (MARGUTTI, 2010, p. 136 - 137).

Essa postura sanchista não teria chegado ao cabo com Matias Aires e Nuno Marques Pereira, permanecendo de modo atávico e manifestando-se em figuras como Clarice Lispector e Machado de Assis (MARGUTTI, 2010, p. 138). É a partir dessa Matriz Colonial que Margutti conceitua a figura do literato-filósofo. Machado de Assis é assim tomado nessa perspectiva. Quando Machado, por exemplo, manifesta um pessimismo no seu diálogo com a filosofia de Schopenhauer, reverbera assim uma posição que rompe com a equipolência cética de caráter pirrônico. Além disso, em Machado, encontra-se como característica uma ironia profunda, dada, por exemplo, na crítica ao humanitismo (que advoga em favor da existência de Humanitas e da evolução constante da humanidade rumo à perfeição; essa corrente filosófica também pode ser vista como uma alegoria do positivismo) contra a miséria humana denunciando suas contradições (MARGUTTI, 2007A, p.189).

Assim afirma Margutti:

Como mencionei, as influências de Montaigne e Pascal sobre Machado deveriam ser entendidas mais como confluências com uma visão de mundo já existente, que encontra suas origens no pensamento de Francisco Sanches. Por esses motivos, a visão de vida machadiana poderia ser descrita como um *pessimismo cético* e não como um *ceticismo pessimista*. Nesse ponto, convém lembrar que, numa demonstração de coerência para com seu pessimismo cético, Machado também faz a crítica do Humanitismo, expressando assim suas dúvidas relativas aos sistemas filosóficos projetados otimisticamente para explicar a existência humana nesse mundo. Isso teria de acontecer, porque as dúvidas de Machado se aplicam às pretensões extremamente ambiciosas dos metafísicos, em sua busca pela explicação de tudo (MARGUTTI, 2007A, p. 204).

Segundo Margutti, tem-se aqui um pessimismo com relação à vida como uma postura ético-filosófica. Essa postura explicita as faltas e aspectos negativos da existência humana bem como o caráter incontornavelmente ridículo das pretensões as superações das limitações mundanas do ser humano. A forma literária, mais do que o sistema filosófico, se mostra mais adequada para captar a polissemia que envolve essa visão de mundo (2007A, P. 205 – 206).

Considerações finais

No bojo da discussão sobre a relação entre filosofia e literatura, encontramos várias pedras de toque, que vão desde a utilização de elementos até a veiculação de formas literárias como expressão filosófica legítima. A figura do literato-filósofo insere-se no contexto dessa relação e permite uma compreensão dos aspectos que formam a identidade da filosofia brasileira. A partir da matriz filosófica barroca do Período Colonial, aparece nos seus contornos mais próprios o pensamento filosófico brasileiro. Podemos então elencar-lhe as seguintes características. Em primeiro lugar, não é cópia ruim da filosofia europeia, de modo que a filosofia brasileira não faz simplesmente repetição de qualidade inferior daquela desenvolvida na Europa. Isso se confirma pelo segundo elemento que podemos apontar: compreender a filosofia brasileira depende da consideração sobre as características culturais dos povos ibéricos. A dominação árabe por 8 séculos ensejou uma forma particular de modernidade e o cultivo de características que foram incorporadas ao fazer filosófico: pragmatismo, ecletismo, pessimismo cético e salvacionismo, compondo aí uma originalidade. Disso, resulta o terceiro elemento: a filosofia brasileira tem seu modo próprio de fazer filosofia, sendo particular por apresentar sua forma própria de se expressar, mais intuitiva e menos sistemática em muitos casos. A consequência disso é o quarto elemento: elabora-se um fazer filosófico que é mais flexível e abrangente. Finalmente: apresenta como algo seu característico a figura do literato-filósofo, exemplo do qual é o Bruxo do Cosme Velho: Machado de Assis.

Referências

- ALMEIDA, M, M. **Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus: o temporal e o eterno em Clarice Lispector, em diálogo com alguns conceitos de Kierkegaard**. São Paulo: Loyola, 2011.
- COSTESKI, E. Ideias para uma epistemologia da Filosofia Brasileira. **Revista Argumentos**. Fortaleza, ano 13, número 25, jan – jun 2021, p. 148 – 167.
- CANHADA, J. O discurso e a história: **A filosofia no Brasil no século XIX**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- DIÔGENES LAÊRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- DOMINGUES, I. **Filosofia no Brasil: legados e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

- KIRSCHER, G. **La philosophie d'Eric Weil: Systématicité et ouverture**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- MAIA NETO, J. R. O desenvolvimento de uma visão de vida cética na ficção de Machado de Assis. In: ROCHA, J. C. C. **Machado de Assis: lido e relido**. São Paulo: Alameda, Campinas: Editora UNICAMP, 2016.
- MAIA NETO, J. R. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007A.
- MAIA NETO, J. R. Machado, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernardo. **Sképsis**, n. 1, 2007B. p. 212-226.
- MARGUTTI, P. Resposta às observações de José Maurício de Carvalho sobre meu livro *História da filosofia do Brasil – o período colonial (1500 – 1822)*. **Síntese**, v 42, nº 132, 2015, p. 111 – 128.
- MARGUTTI, P. **História da filosofia do Brasil (1500 – hoje): 1ª parte: o período colonial (1500 – 1822)**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MARGUTTI, P. As idéias filosóficas de Francisco Sanches. **Sképsis**. n. 5, 2010, p. 103 – 148.
- MARGUTTI, P. Machado, o brasileiro pirrônico? Um debate com Maia Neto. **Sképsis**. n. 2, 2007A, p. 183 – 209.
- MARGUTTI, P. Richard Rorty and Machado de Assis: Two Different Ways of Coping With Ironism. **Cognitio, Revista de Filosofia**, v8, n. 1, jan - jun 2007B, p. 115 – 140.
- MARGUTTI, P. Reflexões sobre a vaidade dos homens: Hume e Matias Aires. **Kriterion**, nº 108, 2003, p. 253 – 278.
- MARQUES, L. A. Formas do pensar: aportes metodológicos à filosofia brasileira. **Revista Argumentos**. Fortaleza, ano 13, número 25, jan – jun 2021, p. 134 – 147.
- MARTINS, A. L. Sócrates sofista, Brás Cubas filósofo? **Aletria**, nº especial, 2009, p. 13 – 24.
- NASCIMENTO, M, L. Deus e tempo: a propósito de um livro sobre Clarice e Kierkegaard. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**. V 3, nº 1, 2012, p. 101 – 106.
- NUNES, B. **Machado de Assis e a Filosofia**. Revista Travessia. Universidade Federal de Santa Catarina, n. 19, 1989, p. 10.
- PAREYSON, L. **Dostoiévski: Filosofia, romance e experiência religiosa**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- POPKIN, R. **História do ceticismo de Erasmo a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.
- REALE, M. **A filosofia na obra de Machado de Assis e Antologia filosófica de Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.
- SÁ REGO, E. **O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOUZA, R. T. **O Brasil filosófico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- WEIL, E. **Lógica da filosofia**. São Paulo: É realizações, 2012.

Recebido em: 09/8/2021

Aprovado em: 15/9/2021

Daniel Benevides Soares

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, membro do GT Eric Weil e a Compreensão do Nosso Tempo e coordenador do Grupo de Estudos Literatos-Filósofos do Centro de Estudos em Filosofia Brasileira da Faculdade Católica de Fortaleza, onde atualmente é professor.